

segundocaderno@oglobo.com.br

# DANIEL GALERA

## O tempo das influências

“A influência criativa pode ter carga positiva ou negativa, ser um impulso de imitação (‘Quero tentar fazer isso!’) ou de desafio (‘Quero fazer isso de outro jeito’). Os dois tipos de influência são cruciais para o vigor de uma ideia”. Assim a escritora Eleanor Catton abre um artigo publicado dias atrás no site do jornal britânico “The Guardian” sobre o processo de escrita de seu romance “The luminaries”, vencedor do prestigioso Booker Prize em 2013. A carga positiva, nesse caso, veio primeiro: Catton queria recriar o encanto que havia experimentado ao ler as obras infanto-juvenis de aventura e mistério que a motivaram a escrever seus próprios livros, como “A ilha do tesouro”, de Robert Louis Stevenson.

A partir dessa vontade, ela foi estreitando o foco. Decidiu que gostaria de escrever uma história situada na Nova Zelândia, e um tema foi levando a outro: a corrida do ouro do século XIX, a riqueza, as trapaças, os videntes e as previsões do futuro, o zodíaco. Esse processo de procura do romance durou dois anos e envolveu uma quantidade imensa de leituras e anotações. Apenas no final desse período, quando sua pesquisa a conduziu à leitura de “O castelo dos destinos cruzados”, de Ítalo Calvino, ela conseguiu encontrar a carga negativa que completaria sua ideia. Catton admirou a estrutura de quebra-cabeças do livro de Calvino, mas só terminou a leitura com muito esforço. Teve vontade de escrever uma história em que a complexidade estrutural não sacrificasse o prazer do enredo. “Pensei sobre o romance que eu gostaria que ‘O castelo dos destinos cruzado’ tivesse sido — e ali, enfim, estava minha influência com carga negativa”.

Não li o elogiado romance de Catton, mas seu conceito das influências positivas e negativas que se complementam e a descrição de seu processo de pesquisa me causaram um sentimento de identificação. Só comecei a escrever meu último romance, “Barba ensopada de sangue”, depois de quase dois anos de anotações, pesquisas ocasionais e um convívio demorado com a história e seu cenário. Ao contrário do que alguns leitores pensam (digo isso baseado em perguntas que me fizeram em entrevistas e em conversas com leitores), não vivi um tempo na cidade de Garopaba, em Santa Catarina, com o propósito de pesquisar o romance. Pelo contrário. Os contornos da história começaram a se desenhar na minha imaginação porque eu estava vivendo lá. A essa experiência direta se somaram a memória, a invenção pura e um acúmulo de leituras incentivadas mais pelos meus anseios como leitor do que pelo projeto do livro.

Várias foram as influências de carga positiva, muitas delas detectadas pelos leitores após a publicação do livro. A mais forte foi Cormac McCarthy, escritor que já vinha fazendo minha cabeça há alguns anos e cujas obras completas terminei de ler durante a temporada em Garopaba. Outro autor importante foi o argentino Juan José Saer, em especial um romance chamado “As nuvens”, que contém algumas das mais belas e intensas descrições de natureza e estados introspectivos que já encontrei na literatura. Eram livros que me despertavam, como diz Catton, o impulso de “Quero tentar fazer isso!”, impulsos que solicitam iguais doses de humildade e ousadia para serem aproveitados. Quanto às influências de carga negativa, essas são mais difíceis de isolar. Uma delas foi o desejo de escrever um romance que fugisse à tendência mais enxuta de boa parte da literatura contemporânea que eu vinha lendo. Queria a liberdade de ser prolixo, de ser indulgente com os arrebos descritivos, de deixar o texto transbordar como faziam autores que, no mais, pouco ou nada têm a ver com meu próprio estilo: o Fausto Wolff de “A mão esquerda”, o Lúcio Cardoso de “Crônica da casa assassinada”, os calhamaços do Roberto Bolaño e do Javier Marias.

De julho de 2008 até o final de 2009, enchi dois cadernos com anotações. Prometi a mim mesmo queimá-los, mas estão aqui até hoje. São toneladas de frases, pensamentos, lascas de diálogos, facetas de personagens, descrições de pessoas, lugares e episódios testemunhados, lembretes para incluir tal e tal coisa. A grande maioria dessas coisas jamais foi incluída no rascunho do livro, que comecei a escrever já em Porto Alegre, depois de me despedir de Garopaba. Sem elas, porém, o romance não teria existido.

Catton encontrou seu livro usando um programa da web que rastreava o movimento dos planetas nas constelações do zodíaco. Eu encontrei o meu observando as ondas, lembrando das histórias de um assassinato e de um cachorro manco que nadava. E é com o mesmo misto de hesitação e ousadia que se entra nesse terreno de novo, empurrado por inspirações negativas e positivas, vislumbrando alguns contornos e desconhecendo todo o resto, para, se tudo correr bem, começar algo novo. ●

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
DANIEL GALERA	MARCUS FAUSTINI	FRANCISCO BOSCO	MARIO SERGIO CONTI	HERMANO VIANNA	JOSÉ MIGUEL WISNIK	CAETANO VELOSO

SEGUNDA ARTES VISUAIS . TERÇA MÚSICA . QUARTA ARTES CÊNICAS . QUINTA CINEMA . SEXTA TRANSCULTURA

## Artes Visuais

NANI RUBIN



**Corpo estranho.** O esquite de gato do período Ptolomaico ao Romano foi posto pela artista ao lado de peças da Renascença italiana, dos séculos XVI e XVII

# Exercício do olhar

# OBRAS EM FOCO

Rosângela Rennó destaca e dá voz a 16 peças da Fundação Eva Klabin na mostra ‘Círculo mágico’, que será inaugurada sábado no Projeto Respiração

NANI RUBIN  
nani@oglobo.com.br

Visitante que percorre as salas da Fundação Eva Klabin dificilmente se dá conta da particularidade de cada peça exposta na casa-museu da Lagoa. A tendência é ver tudo no conjunto — as esculturas da Renascença italiana, por exemplo, os diversificados vidros romanos ou ainda a coleção chinesa.

É justamente para chamar a atenção para peças específicas do acervo que Rosângela Rennó imaginou a exposição “Círculo mágico”. Décima-oitava edição do Projeto Respiração, criado pelo curador Marcio Doctors para oxigenar a eclética coleção da casa onde viveu Eva Klabin, a intervenção da artista mineira será inaugurada no próximo sábado, às 16h, prometendo atrair o olhar de quem passa

para a própria coleção.

Rosângela escolheu 16 objetos da casa, deslocando-os de lugar ou destacando-os, com uma iluminação própria. Um esquite de gato (304 a.C.-395 d.C.) foi tirado, por exemplo, da vitrine do Egito antigo para um retábulo renascentista, ao lado de um São João Evangelista (Itália, séc. XVII) e de uma Madona dos Meninos Travessos (Itália, séc. XVI). Na mesma sala, uma peça pré-colombiana originária do México faz composição com “Madona, menino e São João Batista”, de Botticelli. Mas mesmo o visitante mais distraído não ficará imune à estranheza: cada obra terá uma gravação, acionada por uma célula fotoelétrica, na qual o objeto, transformado em personagem, conatará algo a seu respeito. Uma luz piscará no ritmo da “conversa”.

— Desde o início eu queria uma intervenção muito sutil no espaço, o mínimo de coisas

agregadas. A ideia era quase tirar — conta a artista, indo na contramão das mais recentes intervenções na casa. — Isso foi um pouco a brincadeira ali. Inclusive tirar a voz, tirar alguma coisa de dentro deles para fora. Essa ideia de colocar os objetos para falar é dar um poder para eles, um poder mágico, como a gente supõe que os objetos de arte têm.

O próprio título da exposição já trata disso: a expressão “círculo mágico” foi tirada de um texto de Walter Benjamin que discute esse poder do objeto de arte, quando é escolhido, entre muitos outros, para ser retirado de circulação e congelado numa coleção. O texto de cada um partiu de uma escolha subjetiva, inspirada pela bibliografia ou por detalhes que chamaram sua atenção, como o “Retrato de homem”, do holandês Gérard Ter Boch, do século XVII.

— Existe uma outra pintura do Ter Bor, idêntica a essa, num museu alemão. A curadora de lá não queria admitir que fosse autêntica, mas no fim acabou reconhecendo que era original, e que haveria uma forte possibilidade de ter, inclusive, havido mais do que as duas conhecidas.

### RELEVÂNCIA À COLEÇÃO

Em outros casos, Rosângela destacou peças abrindo espaço à sua volta. É o caso da coleção de vidros romanos, mais de 50 dispostos numa vitrine. A artista deixará só três: dois lacrimatórios e um vidro de unguento, para que fiquem “visíveis” aos visitantes.

— O fato de as pessoas verem apenas o conjunto tem muito a ver com o mundo em que vivemos, de completa desatenção por causa do excesso de informação — diz Marcio Doctors. — Ao destacar certos objetos para que não fiquem submersos no acervo, ela está estabelecendo uma sintonia muito grande com a coleção, através da memória da própria coleção.

— Eu queria que fosse uma intervenção que desse mais relevância à coleção propriamente dita do que à minha ação sobre ela. A minha ação sobre ela é o suficiente para deixar a coleção falar sobre si própria — diz a artista.

A mostra “Círculo mágico” inaugura o projeto educativo da Eva Klabin e a abertura da casa ao público nos fins de semana, das 14h às 18h, a partir do dia 27, com entrada gratuita aos domingos. ●

## Pinceladas

### Burca no MAR

Depois de passar um mês numa residência artística no Rio, a convite do Instituto Inklusartiz, a artista turca Güler Ates voltou a Londres, onde mora, mas deixou por aqui a burca da performance “Dwelling”, mostrada na Casa França-Brasil e no Museu de Arte do Rio (MAR), em cujo acervo a peça ficará. A burca tem cauda de dez metros, sobre a qual Güler construiu pequenas casas de papelão que remetem à sua infância numa favela de Istambul.

### ‘Guerra’ e ‘Paz’

Expostos desde 2010 em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde foram vistos por mais de 320 mil pessoas, os murais “Guerra” e “Paz”, de Candido Portinari, fazem escala no Grand Palais, em Paris, antes de voltarem à sede da ONU em Nova York. Ao lado dos painéis oferecidos pelo Brasil à ONU em 1957 serão mostrados 37 desenhos preparatórios, além do vídeo que registra todas as obras de Portinari em projeção de nove horas.

## Dica de artista

### Antonio Bokel

“Leonardo Ramadinho tem um olhar atento para o mundo que congela e eterniza imagens que passam despercebidas em nosso cotidiano. Seu enxergar privilegiado alia grande talento a uma técnica apurada. Isso é o que faz dele um grande artista”

## Agenda

### Quarta, dia 23

● A Sergio Gonçalves Galeria (2263-7353) abre, às 14h, a coletiva “Salve São Jorge”, com artistas como Guilherme Secchin, Jorge Duarte e Claudia Hirszmann. A curadoria é de Raimundo Rodriguez.

### Quinta, dia 24

● O artista Paulo Paes apresenta, às 19h, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (3042-6829), sua pesquisa “Continentes flutuantes”, feita a partir de estruturas de garrafas pet instaladas no mar. O encontro terá Luiz Camillo Osorio, curador do MAM, e o webdesigner Marcus Wagner, e o lançamento do site continentesflutuantes.com.br.

● A artista Celina Portella abre às 19h, na galeria A Gentil Carioca Lá (2523-1157), a mostra “Deságua”, com fotos e vídeos de 2013 e 2014.

### Sexta, dia 25

● A Casa Daros (2275-0246) inaugura, às 19h, “Luiz Zerbini – Pinturas”, com curadoria de Hans-Michael Herzog. A exposição reúne 29 obras, quase todas pertencentes ao artista e inéditas. Também serão exibidos desenhos, dez obras da série “Copicsketch” (2011) e três da série com slides (2009), além de três pinturas

feitas para a mostra. No dia

sete, artista e curador conversam no auditório, às 17h.

● O Museu Casa do Pontal (2205-3008) realiza, das 10h30m às 13h30m, a 11ª edição dos Seminários Temáticos de Arte e Cultura Popular, com o tema “O imaginário e a discussão das fronteiras nas artes”. Com antropólogos, curadores e artistas, o seminário tem entrada franca e continua no sábado, das 13h30m às 16h, com lançamento do catálogo da exposição “Criaturas Imaginárias”, em cartaz até domingo.

● O projeto Sexta Livre, do Ateliê da Imagem (2541-3314), terá debate, projeção e performances com o tema da apropriação na arte, e participação dos artistas André Sheik, Cleantho Viana e Marco Antônio Portela.

### Sábado, dia 26

● A Fundação Eva Klabin (3202-8550) abre, às 16h, a intervenção “Círculo mágico”, de Rosângela Rennó, no Projeto Respiração (leia mais acima).

● No último dia da coletiva “Encontros carbônicos”, no Largo das Artes (2224-2985), a artista Mayra Martins Redin lança, às 17h, o livro “Histórias de observatório” (Confraria do Vento).